

DA
NATUREZA
PARA A **OBRA**

COLEÇÃO
ANDREA E JOSÉ OLYMPIO
DA VEIGA PEREIRA



A. GALERIA.



EXPOSIÇÃO DA
NATUREZA
PARA A **OBRA**

FROM NATURE
TO THE ARTWORK
EXHIBITION

**DANIEL
STEEGMANN**

Masks,
2012
Folha de
caboatã-de-leite
e folha de ouro

Masks,
2012
Caboatã-de-leite
leaf and gold
leaf

EXPOSIÇÃO DA
NATUREZA
PARA A
OBRA

FROM NATURE
TO THE ARTWORK
EXHIBITION

COLEÇÃO
ANDREA E JOSÉ OLYMPIO
DA VEIGA PEREIRA

ANDREA AND JOSÉ
OLYMPIO DA VEIGA PEREIRA
COLLECTION

Passeio
Cultural
Primavera

Florianópolis, SC
Brasil. 2026



REALIZAÇÃO:

A. GALERIA.



Passeio
Cultural
Primavera



INSTITUTO
PEDRA
BRANCA

APOIO:

Hurbana

PASSEIO.
PRIMAVERA

A. GALERIA.

Nosso propósito com a criação do **Instituto Pedra Branca** é “melhorar as cidades para as pessoas”, através do **URBANISMO**, com a difusão de práticas sustentáveis, da **INCLUSÃO SOCIAL**, com a regeneração urbana de comunidades, e de **EDUCAÇÃO E CULTURA**, com a valorização da arte pública. Em nossa experiência de placemaking (criação de lugares), aprendemos que todo espaço onde as pessoas se conectam é um espaço de bem-estar e de vida urbana vibrante.

Cultura e natureza são os dois eixos de pensamento que inspiram e identificam **A.Galeria**, a primeira concretização do **Passeio Cultural Primavera**, que abriu suas portas ao público em 2024 e será expandido com um Mezanino, um Teatro, um Jardim e uma oficina multiuso. Com **A.Galeria**, a Primavera se abre para novos encontros em um lugar de convivência e de criatividade que fortalece o senso de coletividade.

Essa é uma contribuição para a vida plena na cidade. Acreditamos que a maior vocação de nossa Florianópolis é a de uma vida cultural de relevância internacional.

Myriam Consonni Gomes
Valério Gomes Neto

Idealizadores do Instituto Pedra Branca, Passeio Cultural Primavera e A.Galeria

*Our purpose in creating the **Pedra Branca Institute** is to “improve cities for people” through **URBAN PLANNING**, by promoting sustainable practices; **SOCIAL INCLUSION**, through the urban regeneration of communities; and **EDUCATION AND CULTURE**, through the appreciation of public art. Through our experience in placemaking, the creation of meaningful places for people, we have learned that every space where people connect becomes a space of well-being and vibrant urban life.*

***Culture and nature** are the two guiding principles that inspire and define **A.Galeria**, the first phase of the **Primavera Cultural Promenade**, which opened its doors to the public in 2024 and will later expand to include a Mezzanine, a Theater, a Garden, and a multipurpose workshop space. With **A.Galeria**, Primavera opens itself to new encounters in a place of connection and creativity that strengthens the sense of community.*

This is our contribution to a fuller life in the city. We believe that the greatest calling of our city, Florianópolis, is to become a center of cultural life with international relevance.

Myriam Consonni Gomes
Valério Gomes Neto

Founders of the Pedra Branca Institute, Primavera Cultural Promenade and A.Galeria



EXPOSIÇÃO DA
NATUREZA
PARA A
OBRA

“Da natureza para a obra”, o título da exposição, também poderia ser “Da obra para a natureza”. O que se procura evidenciar são as idas e vindas entre a inspiração dos artistas diante da Natureza — objeto de fascínio e de impressões poéticas, dimensão simbólica que nos leva a situar o humano em seu ambiente e, por fim, campo político no mundo antropocênico marcado pela destruição maciça do meio ambiente.

Todos os artistas que vêm ao nosso encontro nos oferecem a Natureza como partilha — matéria sensível e pensamento crítico, presença e chamado.

Como uma tomada de posição

As coleções de arte contemporânea — e aqueles que as iniciam — assumem um papel decisivo em um mundo artístico em permanente expansão. Em tempos de hipercomercialização e de globalização do mercado, colecionar torna-se mais do que um gesto de aquisição: é um gesto de escolha, de risco e de responsabilidade. São homens e mulheres que investem tempo, sensibilidade e recursos na criação de seu tempo, muitas vezes longe dos holofotes, movidos por convicção e compromisso.

Tornar pública uma coleção é revelar uma esfera de intimidade. É permitir que se desvele não apenas um conjunto de obras, mas uma visão de mundo, uma ética do olhar, uma forma de habitar a arte e, por meio dela, a própria vida. Cada escolha delinea um pensamento; cada obra incorporada inscreve uma posição.

Uma coleção particular pode transformar-se em veículo de transmissão cultural e instrumento de preservação simbólica. Quando amadurece e ganha densidade, deixa de ser apenas um acervo para tornar-se projeto existencial — compromisso de vida e plataforma de partilha.

É nesse horizonte que se inscreve a trajetória de Andrea e José Olympio Veiga Pereira. Sua coleção, construída com coerência e sensibilidade ao longo do tempo, constitui uma verdadeira tomada de posição. A A. Galeria tem hoje o privilégio de apresentar uma seleção desse percurso na exposição Da Natureza para a obra, tornando visível não apenas um conjunto de trabalhos, mas uma visão que articula arte, pensamento e mundo.

FROM NATURE TO THE ARTWORK EXHIBITION

Texto/Text:

Marc Pottier
Curador / Curator

Andrea e José Olympio Veiga Pereira fizeram da arte uma linguagem comum, presente em cada escolha e momento da vida.

Andrea e José Olympio Veiga Pereira formam um casal de apaixonados pela arte, próximos dos artistas e profundamente implicados no meio em que atuam. Há 44 anos, desde o início do casamento, a arte tornou-se parte constitutiva da vida a dois — uma espécie de cimento simbólico, um campo de diálogo permanente, uma forma singular de estarem juntos. Ainda que, por vezes, José Olympio tome decisões de aquisição de maneira mais autônoma, esse gesto integra a dinâmica própria do casal, sempre acompanhada pelo olhar atento e generoso de Andrea, admiradora do rigor e da dedicação intelectual do marido.

A primeira aquisição, no início da década de 1990 — uma obra de Carlos Vergara — marcou o ponto de partida de uma trajetória que se consolidaria com a orientação de galeristas como Thomas Cohn, Marcantonio Vilaça, Raquel Arnaud, Luisa Strina e a Dan Galeria. Pouco a pouco, a coleção ampliou-se também por meio da amizade e da convivência com artistas como Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Tunga, Luiz Zerbini, Leonilson e Iran do Espírito Santo, entre muitos outros. Hoje, o casal mantém interlocução com artistas de diferentes gerações, dos nomes que marcaram os primeiros anos da coleção às produções mais recentes.

O que começou como um interesse apaixonado ganhou dimensão e densidade, revelando, com o tempo, a responsabilidade inerente ao gesto de colecionar. Em 2018, decidiram criar um espaço aberto ao público para abrigar o acervo: o Galpão Lapa, localizado na Vila Anastácio, em São Paulo. Anualmente, um curador convidado organiza uma exposição a partir das obras da coleção. As visitas ocorrem mediante convite ou agendamento, preservando o caráter ao mesmo tempo íntimo e institucional do espaço.

A atuação do casal estende-se ainda às principais instituições culturais do Brasil e do exterior. Andrea integra o conselho do Museu de Arte Moderna de São Paulo, enquanto José Olympio — reconhecido por seu perfil estudioso e comprometido — esteve à frente da Bienal de São Paulo como presidente entre 2019 e 2023, além de colaborar com o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, o *Museum of Modern Art*, a *Tate Modern* e a *Fondation Cartier pour l'art*

contemporain, onde sucedeu seu amigo Gilberto Chateaubriand. Participa também do *Latin American and Caribbean Art Fund*. Em todas essas frentes, o objetivo é claro: promover internacionalmente a arte brasileira, inserindo artistas tanto em exposições quanto em coleções permanentes.

Esta exposição na A. Galeria é a quarta apresentação significativa da coleção no Brasil, após a mostra realizada no Instituto Tomie Ohtake, a exposição “1981/2021: Arte Contemporânea Brasileira na Coleção Andrea e José Olympio Pereira”, no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, e “De Onde Surgem os Sonhos | Coleção Andrea e José Olympio Pereira”, apresentada no Museu Vale, no Espírito Santo.

Trata-se, portanto, de uma coleção viva, em constante movimento. Até o momento, não há decisão definitiva quanto ao seu destino futuro. A perspectiva, contudo, é promissora: os dois filhos do casal acompanham de perto essa trajetória — e um deles, ao tornar-se artista, deixou-se também contagiar por essa paixão que, há mais de quatro décadas, estrutura a vida da família.

A coleção não se estrutura a partir de uma abordagem ecológica declarada. Ainda assim, a reunião das obras para esta exposição na A. Galeria não lhes causou surpresa. Embora não tivessem se dado conta de que possuíam tantas obras afinadas com o tema — a ponto de possibilitar uma mostra ainda mais ampla —, reconhecem que essa convergência é natural. A questão ambiental sempre os sensibilizou,

sobretudo diante da consciência cada vez mais aguda dos efeitos devastadores do aquecimento global no cotidiano do planeta.

Para a coleção, a 34ª edição da Bienal de São Paulo (2021), intitulada “Faz escuro mas eu canto”, representou um ponto de inflexão. Foi a bienal em que os povos indígenas estiveram amplamente representados, configurando um momento histórico pela presença expressiva de artistas indígenas. Entre eles, Jaider Esbell, que integra a presente seleção. Contudo, Andrea e José Olympio já haviam sido profundamente impactados por essa produção dos “guardiões da floresta” na exposição “Véxoa: Nós Sabemos”, inaugurada no final de 2020 na Pinacoteca de São Paulo, reunindo 23 artistas e coletivos indígenas e marcando a presença histórica da arte indígena contemporânea na instituição.

A coleção CAJOVP presta homenagem, sobretudo, aos artistas brasileiros. Para o casal, é fundamental constituir núcleos consistentes de cada artista representado, muitas vezes reunindo vinte ou trinta obras de um mesmo nome, permitindo uma leitura aprofundada de sua trajetória. As revendas são raríssimas, reafirmando o caráter de compromisso e de permanência que orienta a construção desse acervo.

“Da natureza para a obra”, um apelo poético.

Esta exposição apresenta apenas um recorte da coleção, mas mantém a generosidade de sua proposta ao reunir 22 artistas. O conjunto evidencia uma notá-



vel diversidade de linguagens, matrizes culturais e posicionamentos poéticos.

Entre eles, destacam-se quatro artistas vinculados aos povos indígenas, guardiões da floresta — Jaider Esbell, Kaya Agari e o coletivo Movimento dos Artistas Huni Kuin MAHKU — além de Claudia Andujar, cuja trajetória está profundamente ligada à causa indígena.

O percurso inclui também referências à herança africana, presentes na obra de Ayrson Heráclito; à arte popular, representada por José Bezerra e Veio; e ao espírito da pop art contemporânea, encarnado pelo coletivo AVAF.

Sem esquecer a presença histórica de Frans Krajcberg, um dos primeiros artistas a erguer a voz — de forma contundente e pioneira — contra a devastação ambiental, transformando sua obra em denúncia e manifesto diante dos maus-tratos infligidos à Natureza.

A exposição evidencia, igualmente, a diversidade de meios e procedimentos: pinturas, esculturas, instalações, fotografias, desenhos e vídeos articulam-se em um percurso plural.

Alguns artistas incorporam diretamente elementos oriundos da natureza, como Daniel Steegmann Mangrané e Frans Krajcberg, cujas obras estabelecem uma relação material e ética com o mundo natural. Outros operam por meio da imagem, como as folhas recorrentes na poética de Paulo Nazareth ou os peixes que atravessam a produção de Jonathas de Andrade, evocando a natureza como signo, memória ou metáfora.

Há ainda trabalhos que não se configuram como representações de paisagem, mas como verdadeiros lugares de memória e de experiência sensível, a exemplo das pinturas de Lucas Arruda e Paulo Pasta, nas quais o espaço pictórico se converte em campo de contemplação e interioridade.

É interessante observar como o surrealismo atravessa esta exposição como uma corrente subterrânea. Surgido a partir do dadaísmo, no contexto posterior à Primeira Guerra Mundial, o surrealismo propôs uma reconstrução simbólica do mundo, fundada na valorização da imaginação, da liberdade poética e de uma atitude de insubordinação diante da razão instrumental. Ao explorar o inconsciente, o sonho e o “surreal” — entendido como a fusão entre sonho e realidade —, o movimento abriu novas possibilidades de percepção e representação.

Essa dimensão manifesta-se, de modos diversos, nas obras de Jonathas de Andrade, Mario Cravo Neto e Zé Carlos Garcia, entre outros. Nelas, a natureza deixa de ser mera paisagem para tornar-se território de transfiguração, espaço de fabulação e de tensão simbólica. Não poderia, portanto, escapar a essa forma artística que a reinventa como imagem onírica, força vital e enigma.

Ao romper com temas que aprisionam em rótulos, esta exposição coletiva celebra a diversidade artística sem transformá-la em gueto. Aqui, a política

identitária não desaparece, mas se desloca: não é o eixo que delimita, e sim uma camada que se integra à experiência estética.

Sob a perspectiva “Arte e Natureza”, criadores afrodescendentes, de raízes múltiplas, indígenas e LGBTQIAPN+ não são reunidos por pertencimentos estanques, mas por afinidades poéticas e inquietações comuns. Escapam, assim, do agrupamento identitário forçado para compartilhar uma visão que aspira ao universal. São, antes de tudo, artistas — sujeitos de linguagem, inventores de formas, produtores de pensamento sensível.

Trata-se, portanto, de um apelo poético que é também uma tomada de posição: comprometida, essencial e aberta, sem barreiras, diante das complexidades do mundo contemporâneo.

Sobre Thiago Rocha Pitta, podemos dizer que a paisagem não é uma coisa separada de nós, não é uma janela: estamos imersos nela. Thiago vive e trabalha em um lugar que tem tudo a ver com os sonhos, com as cosmogonias, inclusive, com uma imersão total na paisagem: é a Fundação Abismo, criada por ele mesmo na encosta de uma montanha, logo na entrada da cidade de Petrópolis, no interior do estado do Rio de Janeiro.

Mais do que nunca, no limiar de uma era sombria — em que a natureza parece ameaçada pela vertigem de certas políticas e pela ideia acrílica de progresso —, esses artifícios do sensível iluminam aquilo que ainda resiste no humano.

O que esses artistas pioneiros nos oferecem é um convite a habitar o mundo como poetas: com atenção, escuta e imaginação, redescobrimo, na experiência estética, algumas de nossas razões de viver.

As obras reunidas nesta exposição são como múltiplas auroras — cada uma abrindo um horizonte, cada uma reacendendo a possibilidade de um novo começo.



FROM NATURE TO THE ARTWORK EXHIBITION

“From Nature to the Artwork,” the title of this exhibition, could equally be reversed: “From the Artwork to Nature.” What this exhibition seeks to reveal is the constant exchange between artists and nature. Nature as a source of fascination and poetic reflection; as a symbolic dimension through which humanity situates itself within the world; and ultimately as a political field in an anthropocentric era marked by environmental devastation.

The artists brought together here present Nature as shared experience: as sensory matter, critical reflection, presence, and a call to action.

Today, contemporary art collections and the individuals who build them play a decisive role within an everexpanding global art world. In a time marked by hyper-commercialization and the globalization of the market, collecting becomes more than an act of acquisition: it becomes an act of commitment, responsibility, a visual ethic. Collectors devote time, sensitivity, and resources to shaping the cultural imagination of their era, often away from public attention, guided by conviction and long-term engagement.

To make a collection public is to reveal a sphere of intimacy. It unveils not only a group of artworks, but also a worldview, an ethics of looking, and a way of

inhabiting both art and life itself. Each choice reflects a position; each acquired work expresses a way of thinking about the world.

A private collection can become a vehicle for cultural transmission and symbolic preservation. As it gains depth and coherence, it ceases to be merely a collection and becomes an existential project, a lifelong commitment, and a platform for sharing.

It is within this context that the trajectory of Andrea and José Olympio Veiga Pereira unfolds. Built over decades with rigor, sensitivity, and coherence, their collection constitutes a remarkable cultural statement. Today, A.Galeria presents a selection from this journey in the exhibition From Nature to the Artwork, revealing not only a significant group of artworks, but also a vision that connects art, thought, and contemporary life.

For more than four decades, Andrea and José Olympio Veiga Pereira have cultivated a close and enduring relationship with artists and artistic production. Since the beginning of their marriage, art has formed an essential part of their shared life, a symbolic bond, a field of continuous dialogue, and a way of experiencing the world together.

Their first acquisition, in the early 1990s, was a work by Carlos Vergara, marking the beginning of a collecting journey that would later be shaped through relationships with influential gallerists such as Thomas Cohn, Marcantonio Vilaça, Raquel Arnaud, and Luisa

Strina. Over time, the collection expanded through friendships and exchanges with artists including Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Tunga, Luiz Zerbini, Leonilson, and Iran do Espírito Santo, among many others.

What began as a passionate interest gradually acquired greater depth and responsibility, revealing the ethical dimension inherent in the act of collecting. In 2018, the couple created Galpão Lapa, a public space in Vila Anastácio, São Paulo, dedicated to housing and activating the collection. Each year, a guest curator develops an exhibition based on works from the collection, creating new perspectives and dialogues. Visits are held by appointment, preserving the simultaneously intimate and institutional character of the space.

Their involvement also extends to major cultural institutions in Brazil and abroad. Andrea serves on the board of the Museum of Modern Art of São Paulo, while José Olympio, widely recognized for his intellectual rigor and commitment to the arts, served as president of the São Paulo Biennial between 2019 and 2023. He has also collaborated with the São Paulo Museum of Art Assis Chateaubriand, the Museum of Modern Art of São Paulo, Tate Modern, and Fondation Cartier pour l'art contemporain, where he succeeded his friend Gilberto Chateaubriand. Across these initiatives, a common objective remains clear: to strengthen the international presence of Brazilian art through exhibitions, institutional partnerships, and acquisitions.

This exhibition at A.Galeria represents the fourth major presentation of the collection in Brazil, following exhibitions at the Instituto Tomie Ohtake, the Banco do Brasil Cultural Center in Rio de Janeiro, and the Vale Museum in Espírito Santo.

The collection remains alive and in constant transformation. No final decision has yet been made regarding its future destination; however, the continuity of this legacy already resonates within the family itself. The couple's children closely follow the trajectory of the collection, and one of them, having become an artist, has also embraced this enduring passion.

Although the collection was not conceived through an explicitly ecological perspective, the gathering of these works around the theme of Nature emerged organically. Environmental questions have long been part of the couple's concerns, particularly in light of the increasingly visible effects of climate change on contemporary life.

A decisive turning point came with the 34th São Paulo Biennial, *It's Dark, but I Sing* (2021), which marked a historic moment through the strong presence of Indigenous artists and perspectives. Among them was Jaider Esbell, whose work is included in this exhibition. This interest had already been deepened by the exhibition *Véxoa: We Know*, presented at the Pinacoteca de São Paulo in 2020, which brought together 23 Indigenous artists and collectives and represented a landmark moment for contemporary Indigenous art within the institution.

The collection is primarily dedicated to Brazilian

artists. Rather than accumulating isolated works, Andrea and José Olympio have sought to build coherent groups around each artist, often bringing together extensive bodies of work that allow for deeper readings of individual trajectories. Resales are extremely rare, reaffirming the long-term commitment that guides the collection.

From Nature to the Artwork unfolds as a poetic proposition. As artist Kaya Agari writes:

"Nature and rebirth nourish and shelter us. Within it, we plant and harvest, but nature also revolts when devastated. The river flows like the blood of the earth; the forest teaches silence. When we care for nature, we care for ourselves, because life is inseparable."

The exhibition brings together diverse bodies of work, cultural matrices, and artistic positions.

Particular attention is given to artists connected to Indigenous cosmologies and environmental thought, including Jaider Esbell, Kaya Agari, the Movimento dos Artistas Huni Kuin MAHKU collective, and Claudia Andujar, whose trajectory has long been connected to Indigenous causes.

The exhibition also engages African diasporic traditions through the work of Ayrson Heráclito; popular culture through José Bezerra and Veio; and contemporary visual experimentation through the AVAF collective.

The presence of Frans Krajcberg is especially significant. One of the earliest artists to forcefully denounce environmental destruction, Krajcberg transformed his artistic practice into an enduring manifesto against violence inflicted upon Nature.

The exhibition also highlights the diversity of artistic media and procedures: paintings, sculptures, installations, photographs, drawings, and videos come together in a multifaceted journey.

Some artists work directly with elements drawn from the natural world, such as Daniel Steegmann Mangrané and Frans Krajcberg, whose practices establish both material and ethical relationships with nature. Others approach nature through image and metaphor, as seen in the recurring leaves within Paulo Nazareth's work or the fish that traverse the universe of Jonathas de Andrade.

Certain works move beyond the representation of landscape to become spaces of contemplation and memory, particularly in the paintings of Lucas Arruda and Paulo Pasta, where pictorial space becomes a field of interiority and silence.

Surrealism also runs through the exhibition like an underlying current. Emerging from Dadaism in the aftermath of the First World War, Surrealism proposed a symbolic reconstruction of reality grounded in imagination, poetic freedom, and resistance to instrumental reason. Through dreams, the unconscious, and the fusion between reality and fantasy, the

movement expanded the possibilities of perception and representation.

This dimension appears in distinct ways in works by Jonathas de Andrade, Mario Cravo Neto, and Zé Carlos Garcia, among others. In these works, nature ceases to function merely as landscape and becomes a territory of transformation, symbolic tension, and imagination.

By refusing rigid categories, the exhibition celebrates artistic diversity without reducing artists to fixed identities. Questions of identity remain present, but they do not define the exhibition's structure. Rather, they emerge as one layer within a broader aesthetic and human experience.

From the perspective of "Art and Nature," Afro-descendant, Indigenous, queer, and multicultural artistic voices are brought together not through imposed classifications, but through poetic affinities and shared concerns. They appear here, above all, as artists: inventors of forms, creators of language, and producers of sensitive thought.

Artist Thiago Rocha Pitta reminds us that landscape is not something external to us, but something in which we are immersed. His work and daily life are deeply connected to the Abismo Foundation, created by the artist on the mountainside at the entrance to Petrópolis, in the state of Rio de Janeiro.

As Thiago Rocha Pitta reflects: "Aware of the climate urgency in which we live, I chose to move away from the city and live immersed in the forest, coexisting with non-human forms of life and experimenting with more sustainable ways of inhabiting the world." Today, at a moment when nature appears increasingly threatened by destructive policies and uncritical notions of progress, these artists illuminate forms of experience that continue to resist indifference and devastation.

The works gathered in this exhibition invite us to inhabit the world with greater attention, imagination, and sensitivity. Each work opens a horizon; each gesture suggests the possibility of renewal.





EXPOSIÇÃO DA NATUREZA PARA A OBRA



"Natureza para a obra" é uma exposição que apresenta uma seleção de obras de arte que exploram a relação entre a natureza e a criação artística. A curadoria foi realizada por [nome], com o objetivo de destacar a diversidade de abordagens e estilos utilizados pelos artistas para representar o mundo natural em suas obras.

As obras são divididas em três grandes grupos: paisagens, estudos de natureza morta e obras que exploram a relação entre a natureza e a arquitetura. A exposição também inclui uma seção dedicada à arte contemporânea, com obras que questionam a própria natureza da arte e da representação.

A curadoria foi realizada por [nome], com o objetivo de destacar a diversidade de abordagens e estilos utilizados pelos artistas para representar o mundo natural em suas obras.

As obras são divididas em três grandes grupos: paisagens, estudos de natureza morta e obras que exploram a relação entre a natureza e a arquitetura. A exposição também inclui uma seção dedicada à arte contemporânea, com obras que questionam a própria natureza da arte e da representação.

Artista: [nome]

Hurbana
Pernambuco

“Da natureza para a obra” poderia igualmente intitular-se “Da obra para a natureza”. A exposição propõe um percurso de aproximações e retornos, evidenciando como a natureza atravessa a produção artística contemporânea — enquanto fascínio sensível, matéria simbólica e, sobretudo, questão política no contexto do Antropoceno.

Aqui, a natureza não é cenário, mas força ativa. Entre contemplação e ameaça, convoca o espectador a reposicionar o humano em relação ao seu entorno. As obras revelam a complexidade desse vínculo, ora celebração, ora crítica, sempre atravessado pela consciência das urgências ambientais.

A **Coleção Andrea e José Olympio da Veiga Pereira** não nasceu de um programa ecológico declarado. Ainda assim, a recorrência da natureza no acervo revela uma sensibilidade atenta às transformações do mundo. Tornar essa coleção visível é compartilhar uma visão singular da arte e afirmar o colecionismo como gesto de compromisso e partilha.

No limiar de uma época marcada por crises ecológicas, os artistas aqui reunidos afirmam a potência criadora como forma de resistência. Suas obras convidam-nos a reimaginar nossa relação com a terra e a reencontrar, na experiência estética, razões para permanecer e cuidar.

É nesse espírito que se inscreve a trajetória de Andrea e José Olympio da Veiga Pereira, cuja coleção a **A.Galeria** tem o privilégio de apresentar ao público por meio da exposição “Da natureza para a obra”.

Marc Pottier

“From Nature to the Artwork” could equally be titled “From the Artwork to Nature.” The exhibition proposes a journey of encounters and returns, revealing how nature permeates contemporary artistic production as a source of fascination, symbolic matter, and, above all, a political issue within the context of the Anthropocene.

Here, nature is not merely a backdrop, but an active and transformative force. Between contemplation and vulnerability, it invites viewers to reconsider humanity’s relationship with the environment. The works gathered in the exhibition reveal the complexity of this connection: at times celebratory, at others critical, yet always shaped by an awareness of contemporary environmental urgencies. The Andrea and José Olympio Veiga Pereira Collection was not conceived through an explicitly ecological lens. Even so, the recurring presence of nature throughout the collection reflects a sensibility deeply attentive to the transformations of the world.

To present this collection publicly is to share a singular vision of art and to affirm collecting as an act of commitment, care, and cultural transmission.

At a moment marked by profound ecological crises, the artists brought together here reaffirm creative practice as a form of resistance. Their works invite us to rethink our relationship with the earth and to rediscover, through aesthetic experience, new ways of inhabiting, preserving, and caring for the world around us.

It is within this spirit that the trajectory of Andrea and José Olympio Veiga Pereira unfolds a journey that A.Galeria now has the privilege of sharing with the public through the exhibition From Nature to the Artwork.

Marc Pottier

Artistas / Artists

01. Acelino Sales Tuin (MAHKU)
02. André Komatsu
03. avaf
04. Ayrson Heráclito
05. Cássio Vasconcellos
06. Claudia Andujar
07. Daniel Steegmann
08. Ernesto Neto
09. Franz Krajcberg
10. Jaider Esbell
11. Jonathas de Andrade
12. José Bezerra
13. Kaya Agari
14. Lucas Arruda
15. Marina Rheingantz
16. Mario Cravo Neto
17. Nara Guichon
18. Paulo Nazareth
19. Paulo Pasta
20. Rivane Neuenschwander e Cao Guimarães
21. Sandra Cinto
22. Thiago Rocha Pitta
23. Véio
24. Vik Muniz
25. Zé Carlos Garcia

LUCAS
ARRUDA

Sem título,
2015
Óleo sobre tela

24 x 30 cm

*Untitled,
2015
Oil on canvas*

24 x 30 cm

AS
OBRAS
E OS
ARTISTAS

THE WORKS
AND THE ARTISTS

01.

ACELINO SALES TUIN - MAHKU (MOVIMENTO DOS ARTISTAS HUNI KUIN)

Acelino Sales Tuin (Jordão/AC, 1975), MAHKU, é um artista indígena de 47 anos que começou a pintar aos 8 anos, inspirado pela natureza e pelos animais. Acompanhava o tio no corte da seringueira, onde surgiram suas primeiras referências.

Hoje integra o MAHKU, movimento de artistas Huni Kuin do Rio Jordão. Passou a pintar as músicas ancestrais ligadas ao ritual da ayahuasca.

Suas obras trazem figuras humanas e não humanas em tramas gráficas complexas. Inspiradas nas mirações, rompem com regras ocidentais como perspectiva e proporção. Refletem a cultura, os mitos e a dimensão espiritual de seu povo.

Fonte: <https://indigena.art/>

Acelino Sales Tuin (Jordão, Acre, 1975), a member of the MAHKU collective, is an Indigenous artist whose relationship with painting began in childhood, inspired by nature and the animals surrounding him. At the age of eight, he accompanied his uncle on journeys to tap rubber trees, where his first visual references emerged.

Today, his work is deeply connected to MAHKU, the movement of Huni Kuin artists from the Jordão River region. Tuin began painting ancestral songs associated with ayahuasca rituals, translating spiritual visions into vibrant visual compositions.

His works bring together human and non-human figures within intricate graphic structures that challenge Western conventions such as perspective and proportion. Rooted in the cosmology of the Huni Kuin people, his paintings express the myths, cultural memory, and spiritual dimension of his community.



Txain Punke Ruaken,
2021
Acrílica sobre tela

103 x 145,3 cm

Txain Punke Ruaken,
2021
Acrylic on canvas

103 x 145,3 cm

02. ANDRÉ KOMATSU

André Komatsu (São Paulo, 1978) vive e trabalha em São Paulo. Sua obra propõe saídas para o fluxo convencional do cotidiano. Investiga possibilidades de evasão nas relações entre o homem e seu entorno. Também tensiona os limites do próprio suporte técnico.

Na série Soma Neutra utiliza placas de drywall como base. Combina desenho, pintura, escultura e gravura ao escavar e pintar as superfícies.

O artista cria sobreposições de camadas interpretativas com tinta acrílica. Seu trabalho aborda o poder e conflitos sociais como matéria-prima central.

Fonte: <https://galeriavermelho.com.br/artistas/andre-komatsu/>



André Komatsu (São Paulo, 1978) lives and works in São Paulo. His practice explores forms of escape from the conventional rhythms and structures of everyday life, investigating the tensions between human beings and their surroundings. At the same time, Komatsu challenges the physical and conceptual limits of his materials and supports.

In the Soma Neutra series, the artist uses drywall panels as a base, combining drawing, painting, sculpture, and printmaking through processes of excavation, incision, and layered painting. Through overlapping surfaces and gestures, he constructs multiple layers of interpretation using acrylic paint and other materials.

Power structures and social conflict emerge as central concerns in his work, serving as both subject matter and raw material for his visual investigations.

**Sem título # 7
| Série Soma Neutra,
2009**
Drywall, grafite,
corretivo branco
e madeira

250 x 370 cm
(4 partes)

*Untitled # 7
Soma Neutra Series,
2009*
*Drywall, graphite,
white correction fluid,
and wood*

*250 x 370 cm
(each)*

03. avaf (ASSUME VIVID ASTRO FOCUS)

Assume vivid astro focus (avaf) foi fundado por Eli Sudbrack (Rio de Janeiro, 1968) em 2001.

Avaf ocasionalmente se transforma em uma dupla com o artista parisiense Christophe Hamaide-Pierson (Paris, 1973) e às vezes também em um coletivo, dependendo dos diferentes projetos em que estão envolvidos. Trabalha com diversas mídias, como instalação, pintura, vídeo e escultura, também utiliza néon, música, papel de parede e colagens.

Sua produção aborda questões de gênero, política e cultura destacando-se pelo uso intenso de cores e formas. Dialoga com o Tropicalismo e referências contemporâneas, criando ambientes imersivos com estética exuberante e psicodélica. Transforma o espaço expositivo em experiências sensoriais.

Fonte: <https://www.premiopipa.com/artistas/assume-vivid-astro-focus-avafeli-sudbrack/>
<https://masp.org.br/exposicoes/antes-vulgar-agora-fino-2011>



01

02

03

Eli Sudbrack founded Assume Vivid Astro Focus (AVAF) in 2001. Depending on the nature of each project, AVAF operates as a collaborative platform that may take the form of a duo with Paris-based artist Christophe Hamaide-Pierson or expand into a broader collective.

Working across a wide range of media, including installation, painting, video, sculpture, neon, music, wallpaper, and collage, AVAF creates immersive environments that blur the boundaries between art, design, performance, and sensory experience.

The collective's work engages themes of gender, politics, and popular culture, and is distinguished by its vibrant use of color, dynamic forms, and psychedelic visual language. Drawing from both Tropicalism and contemporary visual culture, AVAF transforms exhibition spaces into exuberant, multisensory experiences.

01 Japanese Lotus,
2002

Japanese Lotus,
2002

02 Octopus,
2003

Octopus,
2003

03 Chameleon Boy,
2002
Adesivo e CD

Chameleon Boy,
2002
Sticker and CD

Dimensões
variáveis

*Variable
dimensions*

04. AYRSON HERÁCLITO

Ayrson Heráclito (Macaúbas/BA, 1968) é artista visual, performer, curador e professor da UFRB, doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e mestre em Artes Visuais (UFBA).

Sua poética formula conceitos e interpreta oralidades da cultura afro-brasileira. Trabalha com sistemas simbólicos complexos ligados à memória e identidade.

Utiliza materiais orgânicos como açúcar, carne de charque e azeite de dendê. Esses elementos refletem o ethos de um corpo afro-diaspórico.

Sua pesquisa parte da colonização e da escravização de povos africanos no Brasil. Investiga as marcas históricas e culturais desse processo na construção do corpo e da identidade.

Fonte: <https://ayrsonheraclito.com/biografia/>



Ayrson Heráclito (Macaúbas, Bahia, 1968) is a visual artist, performer, curator, and professor at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). He holds a PhD in Communication and Semiotics from the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP) and a master's degree in Visual Arts from the Federal University of Bahia (UFBA).

Heráclito's artistic practice develops concepts and interpretations rooted in the oral traditions of Afro-Brazilian culture. His work engages complex symbolic systems related to memory, identity, spirituality, and the legacy of the African diaspora in Brazil.

Using organic materials such as sugar, dried meat, and palm oil, the artist creates works that evoke the physical, cultural, and spiritual dimensions of Afro-diasporic experience. These materials carry historical and symbolic meanings that are central to his poetics.

His research is deeply informed by the histories of colonization and the enslavement of African peoples in Brazil, investigating how these processes continue to shape bodies, identities, and cultural memory in contemporary society.

Bori,
2008-2011

Fotografia impressa
com pigmentos
minerais sobre Canson Rag
Photographique 310g
4/5 + 2PA

60 x 60 cm cada
(12 fotografias)

Bori,
2008-2011

*Printed photography
with pigment minerals
on Canson Rag
Photographique 310g
4/5 + 2PA*

*60 x 60 cm each
(12 photographs)*

05. CÁSSIO VASCONCELLOS

Cássio Campos Vasconcellos (São Paulo, 1965) é fotógrafo com carreira iniciada em 1981. Recebeu prêmios como APCA (2002) e Conrado Wessel (2011).

Sua produção artística se destaca pela criação de espaços imaginários e de ficções a partir de elementos da realidade. Seu trabalho ultrapassa os métodos tradicionais da fotografia documental, criando uma linguagem experimental voltada à crítica da sociedade contemporânea.

Tem diferentes poéticas como as fotografias aéreas, outras que mostram o excesso de produtos disseminados no nosso cotidiano, assim como imagens com formas arquitetônicas.

Nesta fotografia Trilha Laranjeiras - Ponta Negra, o artista traz uma paisagem onde mostra a exuberância da natureza.

Fonte: <https://cassiovasconcellos.com.br/> <https://nararoesler.art/artists/cassio-vasconcellos/>



Cássio Vasconcellos (São Paulo, 1965) is a photographer whose career began in the early 1980s. Over the years, he has received important awards, including the Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) Award in 2002 and the Instituto Conrado Wessel Award in 2011.

His artistic practice is distinguished by the construction of imaginary spaces and visual fictions derived from elements of reality. Moving beyond the conventions of documentary photography, Vasconcellos develops an experimental visual language that often reflects critically on contemporary society and its systems of excess, circulation, and consumption.

Throughout his career, the artist has explored diverse photographic approaches, ranging from aerial views and densely populated urban landscapes to images centered on architecture and

the accumulation of everyday products. In the photograph Trilha Laranjeiras - Ponta Negra, however, Vasconcellos turns his attention to the exuberance of the natural landscape, presenting nature as a space of vastness, contemplation, and visual intensity.

**Trilha Laranjeiras
- Ponta Negra,
2020**
Jato de tinta sobre
papel algodão, 1/3

75 x 112 cm

*Trilha Laranjeiras
- Ponta Negra,
2020*
*Inkjet print on
cotton paper, 1/3 scale*

75 x 112 cm

06. CLAUDIA ANDUJAR

Claudia Andujar (Neuchatel, Suíça, 1931) é fotógrafa e ativista suíço-brasileira. Desde os anos 1970, dedica-se à defesa dos povos Yanomami.

Sobrevivente do nazismo, adotou o Brasil como pátria em 1955. Sua obra denuncia o genocídio indígena e a exploração de territórios.

Aborda temas como garimpo ilegal e contaminação dos rios amazônicos. Colocou a fotografia a serviço da natureza e dos direitos indígenas.

Reelabora seus negativos desde os anos 1970, em constante reinvenção. Sua fotografia nunca se fecha como documento fixo; é reaberta ao presente como linguagem viva.

Fonte: <https://pinacotecadoceara.org.br/exposicoes/claudia-andujar-minha-vida-em-dois-mundos/>



Claudia Andujar (Neuchâtel, Switzerland, 1931) is a Swiss-Brazilian photographer and activist whose work has been deeply connected to the defense of the Yanomami people since the 1970s.

A survivor of the Holocaust, Andujar adopted Brazil as her homeland in 1955. Throughout her career, she has used photography as a powerful instrument of advocacy, denouncing violence against Indigenous peoples and the exploitation of their territories.

Her work addresses urgent issues such as illegal mining, environmental destruction, and the contamination of rivers in the Amazon region, placing photography at the service of both nature and Indigenous rights.

Since the 1970s, Andujar has continuously revisited and reworked her photographic negatives, transforming her archive into a space of constant reinvention. Rather than functioning as fixed documents, her images remain open to reinterpretation, reemerging in the present as a living and evolving visual language.

Figueira,
1973/2006
Fotografia

112,5 x 161,5 cm

Figueira,
1973/2006
Photograph

112,5 x 161,5 cm

07.

DANIEL STEEGMANN

Daniel Steegmann Mangrané (Barcelona, Espanha, 1977) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua obra dialoga com cosmologias indígenas ameríndias. Investiga padrões visuais ligados a práticas religiosas e rituais.

Utiliza folhas de plantas importantes para diferentes comunidades indígenas.

Essas espécies possuem funções alimentares, medicinais, simbólicas e rituais. Realiza desenhos em ouro sobre as folhas, unindo natureza e intervenção artística. As folhas escolhidas pertencem a espécies importantes para comunidades indígenas, usadas na alimentação, medicina e rituais, além de ligadas a narrativas e lendas.

Na série Masks, o artista explora geometria, materialidade e percepção, questionando forma, superfície e representação.

Fonte: <https://mam.rio/programacao/composicoes-para-tempos-insurgentes-daniel-steegmann-mangrane/>

Daniel Steegmann Mangrané (Barcelona, Spain, 1977) lives and works in Rio de Janeiro. His artistic practice engages closely with Amerindian cosmologies, investigating visual structures, symbolic systems, and perceptual experiences connected to ritual and spirituality.

In several works, the artist uses leaves from plant species that hold nutritional, medicinal, symbolic, and ceremonial significance for different Indigenous communities. Through delicate interventions in gold, he creates geometric drawings on the surfaces of the leaves, establishing a dialogue between organic matter and artistic gesture.

The selected plants are deeply connected to Indigenous knowledge systems, oral narratives, and ritual practices, reinforcing the relationship between nature, memory, and cosmology.

In the Masks series, Steegmann Mangrané explores geometry, materiality, and perception, questioning conventional distinctions between form and surface, abstraction and representation, as well as the boundaries between the natural and the constructed world.



Masks,
2012
Folha de
caboatã-de-leite
e folha de ouro

24 x 6 cm

Masks,
2012
Caboatã-de-leite
leaf and gold
leaf

24 x 6 cm

08. ERNESTO NETO

Ernesto Neto (Rio de Janeiro, 1964) é um artista conhecido por esculturas e instalações imersivas. Utiliza técnicas artesanais, como o crochê, criando estruturas flexíveis e interativas.

Seus trabalhos ativam os cinco sentidos com elementos botânicos, ervas e especiarias. Constrói membranas, redes e invólucros baseados em gravidade e equilíbrio.

Seus trabalhos mantêm sempre uma relação com a natureza, seja por meio de suas fisionomias biomórficas, seja no caráter interligado dos elementos que compõem seus espaços. Cria ambientes multissensoriais pensados para serem percorridos e habitados. Suas obras promovem encontro, troca e reflexão. O público é parte ativa, integrando-se às instalações como presença viva.

Fonte: <https://fdag.com.br/artistas/ernesto-neto/>

Ernesto Neto (Rio de Janeiro, 1964) is internationally recognized for his immersive sculptures and large-scale installations. Using artisanal techniques such as crochet and weaving, he creates flexible, organic structures that invite physical interaction and sensory engagement.

His works activate the senses through the use of botanical elements, herbs, spices, textures, and aromas, constructing environments shaped by gravity, tension, balance, and interconnectedness. Biomorphic forms and membrane-like structures recur throughout his practice, evoking both natural systems and the organic rhythms of the body.

Nature occupies a central place in Neto's work not only through the visual language of his sculptures, but also through the relational and interdependent character of the spaces he creates. Designed to be explored, inhabited, and experienced collectively, his installations encourage encounter, exchange, contemplation, and reflection. The viewer becomes an active participant, integrating into the work as a living presence within the environment itself.



Venus Quarts Paff,
1997
Cimento de gesso e tecido
tubular de poliamida

Dimensões variáveis

Venus Quarts Paff,
1997
*Gypsum cement and tubular
polyamide fabric*

Variable dimensions

09. FRANS KRAJCBERG

Frans Krajcberg (Kozienice, Polônia, 1921 - 2017), artista naturalizado brasileiro, foi pioneiro na integração entre arte e meio ambiente. Seu trabalho está profundamente ligado ao ativismo ecológico.

Ao percorrer biomas brasileiros, ampliou os materiais e sentidos de sua obra. Na Amazônia, impactou-se com as queimadas e a devastação ambiental.

Passou a utilizar troncos e resíduos naturais como protagonistas. Construiu uma produção singular ao longo de mais de seis décadas. Trabalhou com elementos como cipós, raízes e madeira.

Articulou arte, natureza e denúncia ambiental em sua poética.

Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/frans-krajcberg-reencontrar-a-arvore>

Frans Krajcberg (Kozienice, Poland, 1921-2017), a Polish-born artist who became a naturalized Brazilian citizen, was a pioneer in the integration of art and environmental consciousness. His work was deeply connected to ecological activism.

Through his travels across Brazilian biomes, Krajcberg expanded both the material vocabulary and the conceptual scope of his practice. In the Amazon, he was profoundly impacted by forest fires and environmental devastation, experiences that transformed the direction of his work.

He began using burned trunks, roots, vines, and natural remnants as central elements in his sculptures and installations, creating a singular body of work developed over more than six decades.

Throughout his career, Krajcberg articulated art, nature, and environmental activism through a powerful and deeply engaged visual language.



Composição,
1978
Madeira lustrada

235 x 50 cm (aprox.)

Composição,
1978
Polished wood

235 x 50 cm (approx.)

10.

JAIDER ESBELL

Jaider Esbell (Normandia/RR, 1979–2021) foi um artista representativo do povo Macuxi. Sua obra é marcada pela cosmologia indígena e pelas narrativas míticas da Amazônia.

Definia sua prática como ativismo, articulando arte, ancestralidade e política.

Suas pesquisas envolvem memória, espiritualidade e meio ambiente. Desenvolveu o conceito de *txaísmo*, baseado em relações afetivas interculturais. Onde surgem os sonhos aborda memória, território e identidade indígena.

A obra investiga o sonho como espaço de origem e saber ancestral, e apresenta os sonhos como conexão coletiva entre humanos, natureza e espiritualidade.

Fonte: <https://galeriajaideresbell.com.br/jaider-esbell>



Jaider Esbell (Normandia, Roraima, 1979–2021) was a leading artist of the Macuxi people. His work was deeply rooted in Indigenous cosmology and the mythical narratives of the Amazon region.

Esbell described his practice as “artivism,” bringing together art, ancestry, and political engagement. His research explored themes of memory, spirituality, territory, and the environment.

*He also developed the concept of *txaísmo*, based on intercultural relationships grounded in affection, reciprocity, and coexistence.*

*The work *Onde Surgem os Sonhos (Where Dreams Arise)* addresses memory, territory, and Indigenous identity. It investigates dreams as spaces of origin and ancestral knowledge, presenting them as collective connections between human beings, nature, and spirituality.*

**Onde surgem
os sonhos,**
2021
Acrílica e caneta
Posca sobre tela

112 x 233 cm

*Where
Dreams Arise,*
2021
*Acrylic and Posca
pen on canvas*

112 x 233 cm

11.

JONATHAS DE ANDRADE

Jonathas de Andrade (Maceió/AL, 1982) trabalha com fotografia, vídeo e instalação. Sua produção envolve colaboração com comunidades e vozes marginalizadas. Investiga relações entre cultura, natureza e sociedade, principalmente no Norte e Nordeste do país.

No vídeo *O peixe* aborda um ritual de pescadores que abraçam os peixes. No caso específico vemos um tambaqui, peixe tradicional da região muito apreciado na culinária.

O gesto mistura afeto, violência e dominação. Explora o limite entre humano e animal como rito de passagem, questiona a ideia de harmonia entre homem e natureza, mesclando ficção e realidade, documento e encenação.

Revela relações de poder baseadas em força e controle.

Fonte: <https://nararoesler.art/artists/95-jonathas-de-andrade/>
<https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/o-peixe>



Jonathas de Andrade (Maceió, Alagoas, 1982) works across photography, video, and installation. His practice often involves collaboration with communities and socially marginalized voices, investigating the relationships between culture, nature, and society, particularly in the North and Northeast regions of Brazil.

*In the video *O Peixe (The Fish)*, the artist explores a ritual in which fishermen embrace fish immediately after they are caught. In this specific work, the fish portrayed is a tambaqui, a species native to the Amazon region and highly valued in local cuisine.*

The gesture simultaneously evokes affection, violence, and domination, exploring the fragile boundary between human and animal as a kind of rite of passage. By blurring fiction and reality, documentary and staged performance, the work questions idealized notions of harmony between humanity and nature.

At the same time, it reveals structures of power grounded in force, possession, and control.

O peixe,
2016
Video | 16 mm
digitalizado em 2K,
cor e som, 5.1/16 mm,
transferido para
arquivo HD

2/5 (5 + 2PA), 38'

The Fish,
2016
Video | 16 mm
digitized in 2K,
color and sound, 5.1/16 mm,
transferred to
an HD file

2/5 (5 + 2PA), 38'

12.

JOSÉ BEZERRA

José Bezerra (Buíque/PE, 1952) foi lavrador, jóquei de carreiras improvisadas, trabalhador braçal, carreiro. Há uns dez anos José teve um sonho em que era chamado a realizar os trabalhos que faz hoje em dia.

Utiliza troncos e galhos caídos como matéria-prima. Enxerga previamente formas de animais e figuras na madeira, e escolhe os materiais a partir dessas semelhanças naturais.

Sua técnica preserva o desenho original do galho, realizando intervenções mínimas, com entalhes sutis. Revela formas já existentes, sem transformar totalmente o material. Suas obras mantêm a tensão entre natureza e criação artística.

Fonte: <https://galeriaestacao.com.br/>



José Bezerra (Buíque, Pernambuco, 1952) worked throughout his life as a farm laborer, jockey in improvised horse races, manual worker, and cart driver. Around ten years ago, he had a dream in which he felt called to create the works he produces today.

Using fallen trunks and branches as raw material, Bezerra identifies animal forms and human figures already suggested within the wood itself, selecting each piece according to these natural resemblances.

His technique preserves the original contours and structure of the branches, employing only minimal interventions and subtle carvings. Rather than completely transforming the material, the artist reveals forms that seem to preexist within it. His works maintain a delicate tension between nature and artistic creation, allowing the organic qualities of the wood to remain visible and active within the final composition.

Gato,
2008
Madeira

60 x 24 x 92 cm

Cat,
2008
Wood

60 x 24 x 92 cm

Gato,
2008
Madeira

60 x 24 x 92 cm

Cat,
2008
Wood

60 x 24 x 92 cm

13.

KAYA AGARI

Kaya Agari (Cuiabá/MT, 1986) pesquisa os grafismos do povo Kurâ-Bakairi. Sua obra explora dimensões materiais e imateriais dessa cultura.

Inspira-se na pintura corporal Kywenu, ensinada por anciãos. Esses grafismos, baseados na natureza, indicam papéis sociais distintos.

Agari também atua na preservação e transmissão desses saberes e é co-organizadora do Instituto Yukamaniru, voltado às mulheres indígenas. Promove ações culturais e educativas para jovens Kurâ-Bakairi. Destaca-se ainda por exposições que valorizam a produção coletiva de seu povo.

Fonte: <https://archabox.com/designer/kaya-agar>



Kaya Agari (Cuiabá, Mato Grosso, 1986) researches the graphic traditions of the Kurâ-Bakairi people. Her work explores both the material and immaterial dimensions of this cultural heritage.

Agari draws inspiration from Kywenu body painting, a practice transmitted through the teachings of community elders. Rooted in forms and patterns derived from nature, these graphic systems communicate distinct social roles and cultural meanings within Kurâ-Bakairi society.

Alongside her artistic practice, Agari is actively engaged in the preservation and transmission of Indigenous knowledge. She is a co-organizer of the Instituto Yukamaniru, an initiative dedicated to Indigenous women and to the development of cultural and educational programs for young Kurâ-Bakairi people. Her work also stands out for promoting exhibitions and collaborative projects that value the collective artistic production and cultural memory of her community.

Série Flutuante 2,
2023
Pigmentos naturais variados (urucum, jenipapo, açafraão, imbirici) sobre tecido de algodão cru

Dimensões variáveis

Floating Series 2,
2023
Various natural pigments (annatto, genipap, saffron, imbirici) on raw cotton fabric

Variable dimensions

14.

LUCAS ARRUDA

Lucas Arruda (São Paulo, 1983) vive e trabalha na cidade de São Paulo. Seu trabalho dialoga com a tradição da pintura de paisagem de forma íntima e subjetiva, cujos produção é marcada por pequenas telas centradas no tema.

Apresenta horizontes difusos e atmosferas sutis, entre mar, céu e neblina, onde vai além da representação, criando experiências sensoriais e contemplativas. Explora os limites entre figuração e abstração em suas obras, a repetição de formatos e temas reforça um caráter meditativo, quase silencioso, convidando o espectador a uma observação atenta.

Fonte: <https://www.cobogo.com.br/lucas-arruda>

Lucas Arruda (São Paulo, 1983) lives and works in São Paulo. His work engages intimately and subjectively with the tradition of landscape painting, and is particularly recognized for its small-scale canvases centered on this theme.

His paintings present diffuse horizons and subtle atmospheres suspended between sea, sky, and mist. Moving beyond representation, Arruda creates contemplative and sensory experiences that evoke states of silence, memory, and perception.

Exploring the boundaries between figuration and abstraction, the artist develops works in which the repetition of formats and recurring motifs reinforces a meditative and almost silent quality, inviting viewers into a slow and attentive mode of observation.



Sem título,
2015
Óleo sobre tela

24 x 30 cm

Untitled,
2015
Oil on canvas

24 x 30 cm

15.

MARINA RHEINGANTZ

Marina Rheingantz (Araraquara/SP, 1983) cria pinturas de grandes dimensões que misturam figuração e abstração. São paisagens sutis, que parecem escorrer, com delimitação de formas mais fluidas, corpos de tinta volumosos que sobressaem à tela junto a uma gestualidade bem marcada.

Ao longo da carreira, caminhou para a desconstrução da paisagem. Aproxima-se da abstração com elementos de ficção e memória. Seus trabalhos dialogam com questões políticas e identidade nacional. Produz imagens que evocam fluidez, efemeridade e vestígios do real.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/30708-marina-rheingantz>



Marina Rheingantz (Araraquara, São Paulo, 1983) creates large-scale paintings that move between figuration and abstraction. Her works depict subtle landscapes that appear to dissolve and flow across the canvas, with fluid contours, dense accumulations of paint, and strongly gestural surfaces.

Throughout her career, Rheingantz has progressively deconstructed the idea of landscape, approaching abstraction through elements of memory, fiction, and subjective perception.

Her paintings also engage broader reflections on politics and national identity, producing images that evoke fluidity, impermanence, and traces of the real.

Jardim Botânico,
2011
Óleo sobre tela

160 x 210 cm

Botanical Garden,
2011
Oil on canvas

160 x 210 cm

16.

MARIO CRAVO NETO

Mario Cravo Neto (Salvador/BA, 1947–2009) foi fotógrafo, escultor e desenhista.

Os campos de atuação do artista se integram em suas produções: fotografia e escultura se influenciam mutuamente, criando com frequência relações surpreendentes entre corpos e objetos.

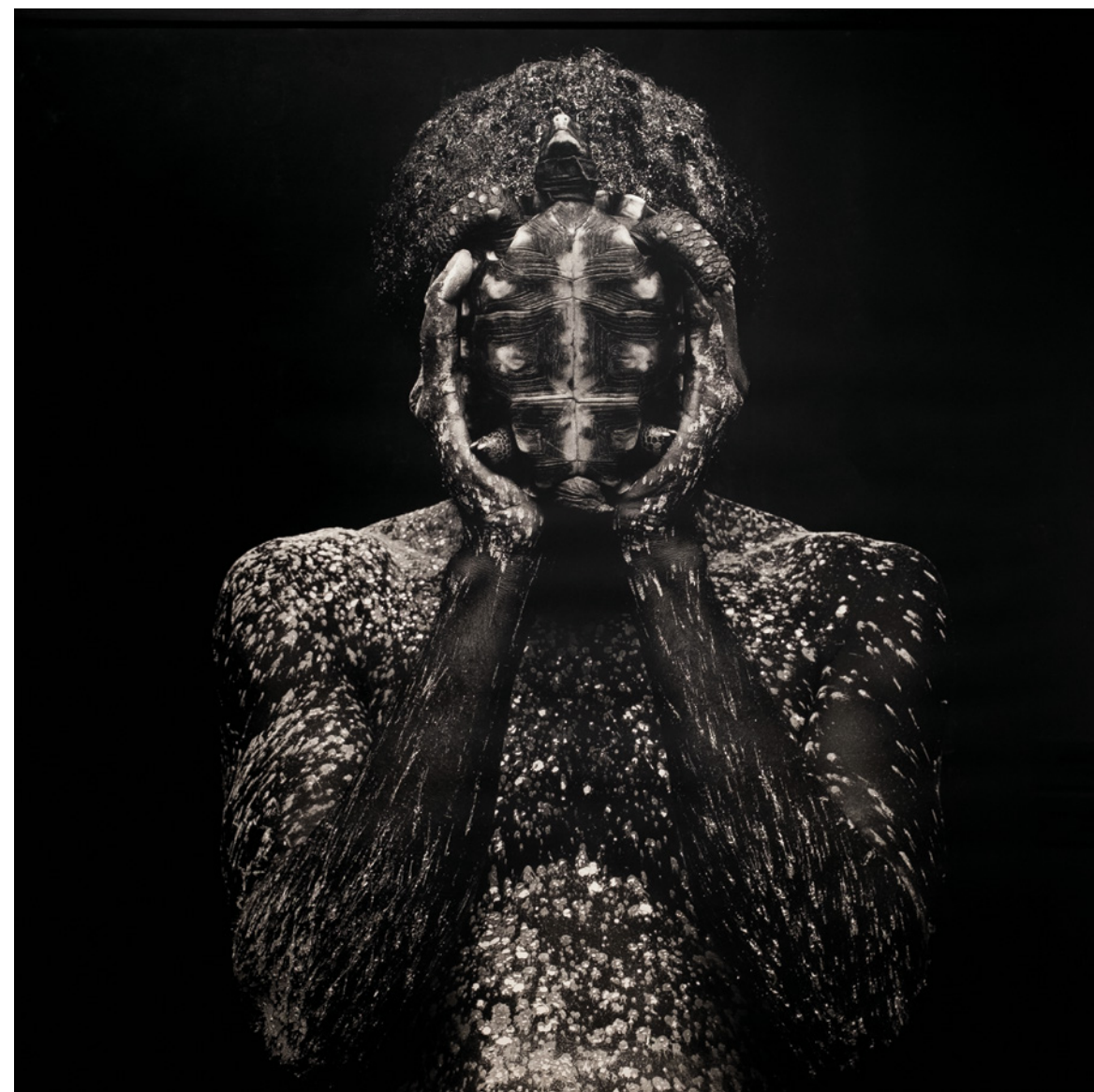
Integra diferentes linguagens, criando relações entre corpos e objetos. Artista rigoroso e sistemático, encontrou em temas como a natureza, o povo da Bahia, o candomblé e a religiosidade o material de que se nutriu para produzir fotografias que o tornaram conhecido internacionalmente.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/749-mario-cravo-neto>

Mario Cravo Neto (Salvador, Bahia, 1947–2009) was a photographer, sculptor, and draftsman whose artistic disciplines were deeply interconnected. In his work, photography and sculpture continuously influenced one another, often creating striking and unexpected relationships between bodies, objects, and space.

Working across different media, Cravo Neto developed a rigorous and highly distinctive visual language. Nature, the people of Bahia, Candomblé, and spirituality were recurring themes that nourished his artistic practice and became central to the photographic work for which he gained international recognition.

His images combine symbolic density, physical presence, and ritualistic atmosphere, revealing a profound engagement with Afro-Brazilian culture and the spiritual dimensions of human experience.



Deus da cabeça,
1988
Fotografia em P&B
2/25

100 x 100 cm

God of the Head,
1988
Black and white photograph
2/25

100 x 100 cm

17.

NARA GUICHON

Nara Guichon (Santa Maria/RS, 1955) é artista têxtil, designer e ambientalista. Vive e trabalha, desde 1983, em Florianópolis/SC.

Sua atividade está alicerçada em três eixos: práticas manuais com fios, a exemplo do tricô, do crochê, do bordado e do tear, valorizando saberes artesanais; reaproveitamento e sustentabilidade, promovendo o consumo ético e consciente; respeito ao meio ambiente, participando de atividades de recuperação da Mata Atlântica.

Ela utiliza redes de pesca industrial, material resistente e poluente, na criação de suas obras. A partir do reaproveitamento, propõe consumo ético ao transformar resíduos em novas possibilidades artísticas.

Fonte: <https://www.naraguichon.org/>

Nara Guichon (Santa Maria, Rio Grande do Sul, 1955) is a textile artist, designer, and environmental activist who has lived and worked in Florianópolis, Santa Catarina, since 1983.

Her practice is grounded in three central principles: manual textile techniques, including knitting, crochet, embroidery, and weaving, through which she values artisanal knowledge and traditional craftsmanship; sustainability and reuse, promoting ethical and conscious consumption; and environmental awareness, reflected in her participation in initiatives dedicated to the restoration of the Atlantic Forest.

Guichon frequently incorporates industrial fishing nets into her works, a durable yet highly polluting material, transforming discarded waste into new artistic possibilities. Through processes of reuse and reinvention, her work proposes reflections on environmental responsibility, material transformation, and more sustainable forms of production and consumption.



Ninho,
2023
Reúso de redes de pesca oxidadas com pó de ferro e vinagre, arame galvanizado, enchimento de sobras de roupas de descartes da indústria da moda, enrolamento de fios

155 x 160 cm

Nest,
2023
Reuse of fishing nets oxidized with iron powder and vinegar, galvanized wire, and filling with leftover clothing scraps from the fashion industry, yarn winding

155 x 160 cm

18.

PAULO NAZARETH

Paulo Sérgio da Silva (Governador Valadares/MG, 1977) é um artista performático conhecido por suas andanças ao redor do mundo.

Seu trabalho questiona os limites da performance como linguagem artística: não se constitui pelos objetos que produz, mas pelo comportamento do próprio artista.

Constrói leituras críticas sobre lugares, objetos e costumes, e articula narrativas que tensionam discursos socioculturais.

Leva o corpo e a experiência para o espaço expositivo, onde seu próprio corpo carrega questões de raça, classe e história, sendo elemento central da obra.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/29403-paulo-nazareth>
<https://www.premiopia.com/pag/paulo-nazareth/>

Paulo Nazareth (born Paulo Sérgio da Silva, Governador Valadares, Minas Gerais, 1977) is a performance artist widely known for his journeys across different regions of the world.

His work challenges the boundaries of performance as an artistic language: rather than being defined by objects or permanent material production, it is constituted through the artist's own actions, movements, and behavior.

Through his travels and interactions, Nazareth constructs critical readings of places, objects, habits, and social dynamics, articulating narratives that question sociocultural structures and dominant historical discourses.

Bringing lived experience into the exhibition space, the artist places his own body at the center of the work. His presence carries questions of race, class, displacement, and history, transforming the body itself into a central element of artistic and political reflection.



**Sem título, da Série
"Objetos para tapar
o sol de seus olhos",
2011**
Impressão fotográfica
2/5 + P.A.

90 x 60 cm

*"Objects to Block
the Sun from
Your Eyes",
2011*
*Photographic print
2/5 + P.A.*

90 x 60 cm

19.

PAULO PASTA

Paulo Augusto Pasta (Ariranha, São Paulo, 1959) é pintor, desenhista, ilustrador, professor. Destaca-se pela investigação da cor na pintura contemporânea.

Cria obras abstratas com paleta cromática reduzida. Explora variações tonais e atmosferas densas. Suas formas geométricas surgem de maneira sutil ao olhar atento. Constrói espaços entre horizontes e obstáculos visuais.

Embora seja amplamente reconhecido por suas abstrações geométricas e campos de cor, o tema da paisagem marcou tanto o início de sua trajetória quanto um retorno significativo em fases mais recentes.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/3017-paulo-pasta>
<https://almeidaedale.com.br/artistas/paulo-pasta/>

Paulo Pasta (Ariranha, São Paulo, 1959) is a painter, draftsman, illustrator, and professor whose work is distinguished by its investigation of color within contemporary painting.

He creates abstract compositions characterized by restrained chromatic palettes, subtle tonal variations, and dense atmospheric fields. Within these works, geometric forms emerge gradually and delicately, revealing themselves through sustained and attentive observation. His paintings construct spaces suspended between horizons and visual obstructions, balancing structure and sensation with remarkable subtlety.

Although widely recognized for his geometric abstractions and luminous fields of color, the theme of landscape has remained significant throughout his trajectory, appearing both in the early stages of his career and reemerging in important ways in more recent bodies of work.



Sem título,
2013 e 2014
Óleo sobre papel
24 x 33 cm

Untitled,
2013 and 2014
Oil on paper
24 x 33 cm

20.

RIVANE NEUENSCHWANDER E CAO GUIMARÃES

Rivane Neuenschwander (Belo Horizonte/MG, 1967) cria obras a partir de materiais cotidianos e perecíveis. Explora o efêmero com elementos como especiarias, cascas, poeira e insetos.

Suas instalações sugerem processos de decomposição e transformação. Utiliza fotografia e vídeo para registrar o transitório. Cao Guimarães (Belo Horizonte/MG, 1965) a tua entre cinema e artes visuais. Seu trabalho observa o cotidiano, abordando tempo, memória e deslocamento. Juntos, investigam poéticas do efêmero e da percepção no vídeo *Inventory of small deaths (blow)*, acompanhando uma bolha em movimento sobre uma paisagem tropical.

Em looping, o filme mostra a bolha mudando de forma sem estourar, adiando indefinidamente seu fim e conferindo permanência ao que é passageiro. A obra suspende o instante da ruptura, prolongando o passageiro. Propõem uma reflexão sobre permanência e transformação no tempo.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5810-rivane-neuenschwander>
<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5212-cao-guimaraes>

Rivane Neuenschwander (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1967) creates works using everyday and perishable materials, exploring the ephemeral through elements such as spices, peels, dust, and insects.

*Her installations evoke processes of transformation, decay, and impermanence, while photography and video become tools for recording transient experiences and subtle temporal shifts. Cao Guimarães (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1965) works between cinema and visual arts, developing a practice attentive to everyday life, time, memory, and displacement. Together, the artists investigate the poetics of impermanence and perception in the video *Inventory of Small Deaths (blow)*, which follows a soap bubble drifting across a tropical landscape.*

Presented in a continuous loop, the film shows the bubble constantly changing shape without ever bursting, indefinitely postponing its disappearance and granting a sense of permanence to what is inherently fleeting. By suspending the moment of rupture, the work prolongs the transient and proposes a reflection on permanence, transformation, and the passage of time.



**Inventory of small
deaths (blow),
2000**

Vídeo | Super 8 transferido
para DigiBeta e DVD
(NTSC), preto e branco

6/8, 5'12''

*Inventory of small
deaths (blow),
2000*

*Video | Super 8 transferred
to DigiBeta tape and DVD
(NTSC), black and white*

6/8, 5'12''

21.

SANDRA CINTO

Sandra Regina Cinto (Santo André/SP, 1968) é pintora e gravadora, atuando também como professora. A partir do desenho, exercita-se na instalação e na escultura.

Em suas obras, os desenhos convidam o público a mergulhar em paisagens oníricas, evocando o sublime e imagens da natureza. Grandes murais contrastam com o ambiente aoredor, estabelecendo relações com o espaço.

“Tudo o que faço vira paisagem. A relação com o céu, o mar e a montanha está sempre no meu trabalho. Acho que, por morar num lugar onde não tem paisagem, faço as minhas paisagens.”

Fonte: <https://mam.rio/artistas/sandra-cinto/>

Sandra Cinto (Santo André, São Paulo, 1968) is a painter and printmaker who also works as a teacher. Beginning with drawing as the foundation of her practice, she has expanded her work into installation and sculpture.

In her works, intricate drawings invite viewers to immerse themselves in dreamlike landscapes that evoke the sublime and imagery drawn from nature. Her large-scale murals often contrast with the surrounding architecture, establishing dynamic relationships with the exhibition space.

Nature, especially the sky, the sea, and the mountains, remains a constant presence throughout her artistic practice, shaping poetic and contemplative environments. As the artist reflects: “Everything I do becomes landscape. My relationship with the sky, the sea, and the mountains is always present in my work. I think that, because I live in a place disconnected from nature, I create my own landscapes.”



Sol Amarelo,
2008
Acrílica e caneta
permanente
sobre MDF

1,85 x 1,85 cm

Yellow Sun,
2008
*Acrylic and
permanent
marker on MDF*

1,85 x 1,85 cm

22.

THIAGO ROCHA PITTA

Thiago Rocha Pitta (Tiradentes/MG, 1980) desenvolve uma obra em íntima relação com a natureza. Seus trabalhos tratam a natureza como coautora. Explora processos naturais, tempo e transformação da matéria.

No vídeo *Danãe nos jardins de Górgona*, experimentamos uma temporalidade estendida ao observarmos um feixe de mel deslizar entre pedras, rumo ao oceano.

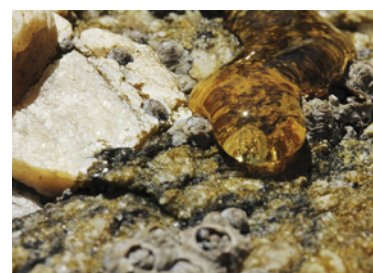
A obra evidencia contrastes entre fluidez e solidez. Além dos vídeos apresentados na exposição o artista possui ainda uma larga produção de pinturas e aquarelas, sempre buscando na linguagem estados poéticos para a matéria e suas mutações.

Fonte: <https://www.premiopipa.com/pag/artistas/thiago-rocha-pitta/>
<https://almeidaedale.com.br/exposicoes/saudades-da-pangeia/>

Thiago Rocha Pitta (Tiradentes, Minas Gerais, 1980) develops a body of work grounded in an intimate relationship with nature, often treating the natural world as a co-author of the artistic process. His practice explores natural phenomena, temporality, and the transformation of matter, emphasizing processes of change, erosion, and permanence.

*In the video *Danaë nos Jardins de Górgona (Danaë in the Gardens of Gorgona)*, viewers experience an extended sense of time while observing a stream of honey slowly flowing between rocks toward the ocean. The work highlights tensions between fluidity and solidity, movement and stillness, creating a contemplative meditation on material transformation.*

Alongside the videos presented in the exhibition, Rocha Pitta has also developed an extensive body of paintings and watercolors, consistently seeking poetic states within matter and its continuous mutations.



01



02



03

01 Danãe nos jardins de Górgona ou Saudades da Pangeia,
2011
Vídeo

2/5, 15'

Danaë in the Gardens of Gorgon or Longing for Pangaea,
2011
Vídeo

2/5, 15'

02 Youth,
2008
Vídeo, 14'
4/6

Youth,
2008
Vídeo, 14'
4/6

03 Mapa temporal de uma terra não sedimentada # 2,
2015
Vídeo

1/5, 2'50"

Temporal Map of an Unsedimented Land #2,
2015
Vídeo

1/5, 2'50"

23.

VÉIO (CÍCERO ALVES DOS SANTOS)

Cícero Alves dos Santos (Sergipe, 1947) é escultor autodidata em madeira. Conhecido como “Véio”, inspira-se em lendas e memórias da cultura sertaneja.

É uma figura importante da arte popular e contemporânea brasileira. Utiliza troncos, raízes e pedaços de madeira encontrados na natureza, respeitando formas e texturas naturais, revelando figuras já presentes no material.

Trabalha com ferramentas simples, como canivete. Suas obras transitam entre o figurativo e o abstrato. Cria seres híbridos e fantásticos que evocam memória e imaginação.

Fonte: <https://galeriaestacao.com.br/pt-br/artista/7/veio>



Véio (Cícero Alves dos Santos, Sergipe, 1947) is a self-taught wood sculptor whose work is deeply inspired by legends, memories, and the cultural traditions of Brazil's sertão region. Widely known as “Véio,” he is regarded as an important figure in both Brazilian popular and contemporary art.

Using trunks, roots, and fragments of wood collected from nature, the artist respects the original forms and textures of the material, revealing figures that seem already embedded within it.

Working with simple tools such as a pocketknife, Véio creates sculptures that move fluidly between figuration and abstraction. His works give shape to hybrid and fantastical beings that evoke memory, imagination, and the symbolic universe of the Brazilian hinterland.

**Sem título,
s/data
Madeira**

62 x 37 x 97 cm

*Untitled,
no date
Wood*

62 x 37 x 97 cm

24.

VIK MUNIZ

Vicente José de Oliveira Muniz (São Paulo, 1961) é um artista plástico, cujo trabalho se caracteriza pela exploração de diferentes materiais, voltadas para a sustentabilidade, como alimentos, algodão, materiais recicláveis, cabelo, arame, serradura, pó, terra, dentre outros.

Aftermath é uma série de fotografias onde os temas das imagens são crianças em situação de rua no Brasil, com quem o artista colaborou para realizar o trabalho, convidando cada participante a encontrar imagens, com as quais se identificasse, em livros de história da arte.

Cada criança foi fotografada posando no estilo da imagem escolhida, e Vik Muniz então recriou os retratos utilizando materiais recolhidos das varrições de rua após o Carnaval no Rio de Janeiro, montados sobre uma mesa de luz antes de serem fotografados e produzidos como impressões.

Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2553-vik-muniz>

Vik Muniz (Vicente José de Oliveira Muniz, São Paulo, 1961) is a visual artist whose work is characterized by the exploration of unconventional materials, often connected to ideas of sustainability and transformation. Throughout his career, he has worked with food, cotton, recyclable materials, hair, wire, sawdust, dust, earth, and a wide range of found substances.

Aftermath is a photographic series centered on children living in vulnerable conditions on the streets of Brazil, developed through a collaborative process with the participants themselves. For the project, Muniz invited each child to select an image from art history books with which they identified personally.

Each participant was then photographed reenacting the chosen image. Muniz subsequently recreated the portraits using debris collected from street sweepings after Carnival in Rio de Janeiro. These compositions were assembled on illuminated surfaces, photographed, and ultimately produced as large-scale prints.

Through this process, the work brings together art history, social reality, and material transformation, while questioning visibility, representation, and the relationship between image and lived experience.



Angélica (Aftermath),
1998
Cópia fotográfica por
oxidação de corantes
2/10

177,8 x 121,9 cm

Angélica (Aftermath),
1998
Photographic print
by dye oxidation
2/10

177,8 x 121,9 cm

25.

ZÉ CARLOS GARCIA

Zé Carlos Garcia (Aracaju/SE, 1973) vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ, é artista visual formado pela UFRJ e pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Sua produção escultórica cria seres híbridos e insólitos. Combina elementos como madeira, plumas, móveis e partes orgânicas.

Dessa junção originam-se híbridos e suas obras evocam insetos, pássaros e corpos fragmentados. Explora o estranhamento e o fascínio do público diante dessas formas. Trabalha temas como corpo, poder, ruína e efemeridade.

Utiliza materiais encontrados, naturais ou artificiais. Sua poética questiona a permanência e propõe transformações constantes.

Fonte: <https://www.casatriangulo.com/pt/artists/105-ze-carlos-garcia/>



Zé Carlos Garcia (Aracaju, Sergipe, 1973) lives and works in Rio de Janeiro. He is a visual artist trained at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and the Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

His sculptural practice gives rise to hybrid and uncanny beings through the combination of materials such as wood, feathers, furniture fragments, and organic elements. From these assemblages emerge forms that evoke insects, birds, and fragmented bodies.

Garcia's works explore the tension between fascination and estrangement, inviting viewers to confront forms that appear simultaneously familiar and unsettling.

Using found materials, both natural and artificial, the artist addresses themes such as the body, power, ruin, and impermanence. His poetics question ideas of permanence and stability, proposing processes of continuous transformation and mutation.

Cadeira,
2010
Escultura em penas
e mobiliário

100 x 170 x 70 cm

Chair,
2010
*Feather sculpture
and furniture*

100 x 170 x 70 cm

SANDRA
CINTO

Sol Amarelo,
2008
Acrílica e caneta
permanente
sobre MDF

1,85 x 1,85 cm

Yellow Sun,
2008
*Acrylic and
permanent
marker on MDF*

1,85 x 1,85 cm

DAS
OBRAS
PARA AS
PESSOAS

FROM THE ARTWORK
TO THE PEOPLE

EXPOSIÇÃO DA
NATUREZA
PARA A
OBRA

FROM NATURE
TO THE ARTWORK
EXHIBITION





Informational text panel on the wall, possibly describing the artwork or the exhibition.



MATERIAL EDUCATIVO

Educational
Material





Nosso sincero agradecimento a Andrea e José Olympio Pereira, cuja generosidade em compartilhar parte de sua notável coleção de arte contemporânea tornou esta exposição possível, enriquecendo o diálogo cultural e aproximando o público de obras fundamentais da produção artística de nosso tempo.

Our sincere gratitude to Andrea and José Olympio Pereira, whose generosity in sharing works from their remarkable contemporary art collection has made this exhibition possible, enriching cultural dialogue and offering audiences the opportunity to engage with some of the most significant artistic expressions of our time.



ABERTURA - OPENING DAY
Paula Gargioni, Sandra Makowiecky,
Luciane Garcez, Sophia Whately,
Andrea Olympio da Veiga Pereira,
Myriam Consonni Gomes, Marc Pottier.

01
André Komatsu
Sem título # 7
Série Soma Neutra,
2009



02
Acelino Sales Tuin
MAHKU
Txain Punke Ruaken,
2021



03
Marina Rheingantz
Jardim Botânico,
2011



04
Jaider Esbell
Onde surgem os sonhos,
2021



FICHA
TÉCNICA

The
Staff

EXPOSIÇÃO DA
**NATUREZA
PARA A
OBRA**

FROM NATURE TO
THE ART EXHIBITION

SELEÇÃO DA
COLEÇÃO ANDREA
E JOSÉ OLYMPIO
DA VEIGA PEREIRA

ANDREA AND
JOSÉ OLYMPIO
DA VEIGA PEREIRA
COLLECTION

15 DE ABRIL A
1º DE AGOSTO
DE 2026

04.15.26
TO
08.01.26

Artistas / Artists

Acelino Sales Tuin (MAHKU)
André Komatsu
avaf
Ayrson Heráclito
Cao Guimarães
Cássio Vasconcellos
Claudia Andujar
Daniel Steegmann
Ernesto Neto
Franz Krajcberg
Jaider Esbell
Jonathas de Andrade
José Bezerra
Kaya Agari
Lucas Arruda
Marina Rheingantz
Mario Cravo Neto
Nara Guichon
Paulo Nazareth
Paulo Pasta
Rivane Neuenschwander
Sandra Cinto
Thiago Rocha Pitta
Véio
Vik Muniz
Zé Carlos Garcia

Coleção / Collection

**Andrea e José Olympio
da Veiga Pereira**
Andrea da Veiga Pereira
José Olympio da Veiga Pereira

**Passeio Cultural Primavera,
A.Galeria e Instituto Pedra Branca
Idealizadores**

Founders

Myriam Consonni Gomes
Valério Gomes Neto

**Direção de Arte e Curadoria
Art Director & Curator**
Marc Pottier

**Coordenação Geral
General Manager**
Sandra Makowiecky

**Coordenação de Produção
Production**
Paula Gargioni

**Coordenação do Educativo
e do site do Passeio
Cultural Primavera
Educational Coordinator**
Viviane Baschiroto

**Coordenação de Eventos
Event Planer**
Luciane Garcez

**Mediação Cultural
Cultural Mediator**
Caroline Ghisolfi Casanova

Gestão Passeio Primavera

General Management

Artur Jorge R. A. Silva
Levi Muniz
Douglas Muller

Equipe Passeio Primavera

Passeio Primavera Team

Brendo W. M. dos Santos
Rodrigo Neves Mendes
Wendel Silva

**Projeto expográfico, material
gráfico e identidade visual**

**Exhibition design, graphic
materials and visual identity**

Pablo Germán Gómez

Assessoria de imprensa

Press

Tai Rodrigues Comunicação

Mídias sociais

Social Media Content

Marcela Braga

Agradecimentos Especial:

Special Thanks

Sophia Whately

**Coordenação e
Conteúdo Editorial**

Content Coordination

Giuliana Brandao
Sandra Makowiecky

Fotografias

Photographs

Sidney Kair

REALIZAÇÃO:

 A. GALERIA.



Passeio
Cultural
Primavera



INSTITUTO
PEDRA
BRANCA

APOIO:

Hurbana 



A. GALERIA.

Passeio Cultural Primavera

Primavera Office, 7º andar
Rod. José Carlos Daux, 4150 (SC-401)
Passeio Primavera,
Florianópolis, SC - Brasil

 PASSEIOCULTURAL.COM.BR

 @PASSEIOCULTURAL.PRIMAVERA



REALIZAÇÃO:



A. GALERIA.



Passeio
Cultural
Primavera



INSTITUTO
PEDRA
BRANCA

APOIO:

Hurbana

PASSEIO.
PRIMAVERA